

... E serão dois numa só carne...



Naturalmente, toda a criatura humana se sente chamada ao matrimónio.

À medida que a personalidade se forma, vão-se descobrindo mundos e valores e vai-se tornando cada vez mais forte a certeza de que, para além de tudo o que temos e somos, há ainda outros mundos e valores desconhecidos.

Vivemos todos a nostalgia de alguém, de alguma coisa, de algum sonho, que venha dar sentido à nossa procura, que venha revelar-nos o que não sabemos.

Esperamos todos por D. Sebastião, "quer venha ou não". E essa espera, que é anseio e busca e inquietação, condensa afinal o profundíssimo desejo de complemento que marca o nosso destino humano.

Não vive, porém, isolada em nós essa nostalgia de amar e ser amado. Outra força íntima, não menos real, vem emprestar-lhe nova e mais completa ressonância.

A vida, que em nós se movimenta e evolui sem cessar, anseia por ser transmitida. As coisas vivas que nos rodeiam falam-nos sempre duma vida natural que, sem interrogações, se perpetua, na plenitude serena dum destino cumprido. O ritmo das estações é um convite à renovação pela dádiva generosa da vida.

Também para a criatura humana a fecundidade é ontologicamente o remate normal da perfeição natural. Por isso, toda a alma humana vive uma aspiração íntima de doação, de transmissão de vida. Pode mesmo dizer-se que, depois da conservação da sua própria vida, nenhuma outra tendência lhe é mais natural do que a da fecundidade.

Ora estas duas forças profundíssimas da alma - o anseio de complemento, o apelo à fecundidade - são integradas por uma única realidade, tão intensa como as forças que lhe deram origem, carregada do mistério das esferas mais íntimas do homem, cheia da riqueza da plenitude natural. A essa realidade chamamos amor humano.

À semelhança de Deus que cria por amor, também o homem é chamado a criar por amor. Por isso (e talvez também porque lhe quer fazer sentir o nada que sozinho pode realizar) Deus cria na alma humana as condições psicológicas necessárias a esse acto de amor.

O simbolismo da acção criadora de Deus, que o amor conjugal incarna da forma naturalmente mais completa, é o ponto de apoio de toda uma atitude humana justa perante os valores que aí entram em jogo.

No amor conjugal, o homem e a mulher estão presentes não só na individualidade que lhes é própria, mas na mais total expressão de sexo a que pertencem. É, com efeito, na união conjugal, na dádiva do amor em ordem à fecundidade, que o homem e a mulher se diferenciam duma forma mais completa. Porque põem em jogo a esfera mais íntima e de mais amplas repercussões na sua vida moral.

Assim como Deus aceita o amor da criatura, e, por amor, a transforma, a actualiza, a torna fecunda para a graça, assim a missão do homem, no amor conjugal, é aceitar, em nome de Deus e por amor, a doação da esposa que por amor se lhe entrega,



E, na riqueza deste simbolismo, podemos encontrar a raiz deste dilema: o amor conjugal ou é caminho de santidade ou é abismo de perdição. Vivido na presença de Deus e em plena consciência dos valores supremos, que através dele se jogam, o amor conjugal é purificador e redentor. Projecta o homem na eternidade, libertando-o do peso inútil dos afectos sem finalidade. Dá-lhe a chave da sua própria salvação na receptividade perfeita duma missão que em Deus tem a sua origem.

Mas, quando quebra o vínculo que o prende a Deus e que o justifica como valor, o amor conjugal desumaniza-se. O homem que se aproxima da mulher sem crer em Deus, perde a consciência do poder participado, domina como senhor - avilta-se e escraviza. E a mulher, que se dá sem acreditar em Deus, prostitui-se sem remédio - porque nenhuma criatura era, por si só, digna de tão profundo dom.

o / o / o

Em virtude da tendência natural que se torna, na adolescência, um apelo crescente ao encontro com o "outro", e do próprio ambiente familiar e social que apresenta o casamento como o único caminho de valorização humana, a maior parte das raparigas julga ter vocação matrimonial.

E, por isso, mal surge uma oportunidade razoável, aceitam-na sem se interrogarem sobre o conteúdo humano do sentimento. Basta-lhes sentir amizada ou uma ilusão de amor que a presença frequente muitas vezes forja, parodiando tragicamente o próprio amor. Então, ao valor da pessoa, daquele que devia ser o fulcro de todos os interesses humanos, substitui-se o gosto pela casa ou o desejo de ter filhos. Como uma e outra tendência estão profundamente inseridas na personalidade feminina, fácil é desenvolvê-las e identificar com elas o casamento.

Se o caminho matrimonial exige da mulher um conjunto de aptidões e de qualidades que lhe são naturais, não é o facto de as possuir que determina iniludivelmente a vocação. A instituição "casamento" só ganha sentido em função da pessoa concreta que se ama. Só o encontro humano pode revelar as possibilidades últimas da instituição e dar a certeza do caminho (a menos que haja indicações extraordinárias em contrário). Negá-lo, em teoria, é ignorar o conteúdo humano do casamento. Negá-lo na prática é degraçar-se.

Caracteriza-se o encontro por um encantamento, a que a presença do outro confere a força da plenitude. Tal encantamento (que, afinal, é o elemento determinante da escolha definitiva) resulta de dois factores distintos e complementares.

O primeiro factor provém do reconhecimento de que a pessoa amada tem um valor objectivo; de que há nela valores dignos de serem amados. E não se diga que basta a pessoa ser pessoa para ser digna de amor. Se isso é verdade em pura caridade, é completamente errado no amor conjugal. Qualquer outro amor é sobretudo dádiva, supõe muito no que ama; mas não tem que exigir nada, para a perfeição do sentimento, daquele que é amado. Ora o amor conjugal é mais do que dádiva - é dádiva mútua, isto é, troca de valores, bens, ideias e afectos. Sendo troca, supõe valores positivos nos dois que se amam. Tais valores dizem respeito às qualidades naturais; mas exigem também a adesão expli-

cita e a vivência aprofundada da Fé. Não basta só uma identidade de pontos de vista sobre os aspectos superficiais e impessoais da vida: compromete-se, então, o sacramento na vida quotidiana, pois é impossível a medida inteira, onde a ideia que se forma da vida e dos valores é completamente diferente. Para a rapariga cristã, o matrimónio será a possibilidade de amar a Deus melhor, e a família uma sociedade constituída, por amor, para louvar a Deus na doação generosa a uma missão específica. Para o rapaz de fé tibia ou ateu, o matrimónio será a possibilidade duma felicidade muito concreta e a família será o lugar confortável, onde ele pode resolver alguns dos seus problemas pessoais mais imediatos. E a dificuldade do encontro verdadeiro está, sobretudo, aí. A educação dos filhos virá pôr, sem dúvida, novos problemas e bem difíceis. Mas, antes disso, já se jogou toda a doação matrimonial na luz ou na sombra duma atitude definida perante os valores religiosos.

É evidente que esta exigência de vida cristã deve ser entendida no seu justo lugar: plenitude duma realização humana que assenta em sólidas qualidades naturais.

Não caíamos no risco de, na busca da identidade de atitudes perante a vida, desprezarmos o fundamento natural do amor: as qualidades do carácter e da inteligência, a força de alma, a riqueza da sensibilidade, a visão equilibrada dos problemas da vida, a profundidade da atitude cultural perante os acontecimentos e as coisas. Prescindir destes valores naturais parece-me dolorosa mutilação na própria essência do amor conjugal, o amor que, sobre a terra, mais longe leva a realização natural do homem.

Mas não basta que um indivíduo seja bom, inteligente, mesmo santo, poeta e génio, para que seja o "outro". O matrimónio não é uma adição. Assenta, sobretudo, em complementaridade; descobre elementos e grandezas que os outros mal descortinam; nutre-se tanto de realidades evidentes como de potencialidades desconhecidas para toda a gente. E é este o segundo factor determinante do encontro verdadeiro a que atrás me referi. Concretiza-se numa certeza íntima de compreensão e de afecto. É uma intuição mútua de complementaridade. É uma exigência de totalidade e de eternidade. É um despertar ordenado de todas as potencialidades do ser.

Para que o conhecimento seja encontro e o afecto seja amor, é preciso que o coração reconheça o "outro". O mistério do amor envolve uma profunda comunhão que não é soma de inteligência, de santidade ou de quaisquer virtudes particulares. Nessa comunhão, é a totalidade da pessoa que entra em jogo. Ela mesma síntese e não soma de valores. É nessa síntese que se define a pessoa. E é nessa síntese que o outro a encontra e a ama. A unidade exigida pelo casamento postula de tal modo essa presença total da pessoa que seria mesmo aviltante casar com alguém, em quem não se sentisse uma ressonância total.

Prescindir desses elementos de atracção natural, de profunda e total simpatia, de exclusiva doação, é igualar o amor a uma relação banal entre as pessoas. E nada mais triste do que um mistério feito banal.

Note-se, porém, que no encontro e na escolha a pessoa pode enganar-se. Na prática, pode-se ser levado a julgar o valor objectivo do outro de uma forma errada. A isso conduzem, muitas vezes, as circunstâncias, as opiniões que se ouvem, ou a ilusão que o pouco contacto forja. Mas pode-se falhar, também, no domínio da intuição. Porque a complementaridade nunca é total nem a univocidade absoluta, fácil é

errar por excesso ou por defeito. Em breve, damos conta de que nos enamorámos dum fantasma.

Tais erros são frequentes e são, de certo modo, naturais. Decorrem da terrível coisa que é o pecado original. É por ele que julgamos mal; que involuntária ou voluntariamente nos iludimos; que damos, ao que é humano, carácter de infinito. A visão clara, o recto juízo, a serenidade de critério, a humildade, são algumas das virtudes aqui particularmente indispensáveis.

Diferente coisa é, no entanto, reconhecer as limitações do outro e amá-lo apesar de tudo. O amor não é, então, diminuído. Pode, sim, tornar-se mais exigente. Porque o seu anseio mais profundo é amar sem reservas e sem limitações. E não tem descanso, enquanto o não conseguir. Resistir será, então, sempre, sinónimo de conformismo, de afrouxamento, de atitude de "prémio de consolação". O amor verdadeiro é um apelo inesgotável à totalidade - à perfeição maior e mais completa. É aqui, nesta lei natural do amor, que o aperfeiçoamento mútuo dos esposos cristãos encontra a sua razão de ser e o seu fundamento psicológico.

A exigência no amor não se identifica com a esperança de encontrar noivo ou noiva "ideal", no sentido de uma complementaridade total. Tal complementaridade só é possível em Deus. Porque só Ele é o Único absoluto. As criaturas podem ter, umas para as outras, em maior ou menor grau, algo de único; mas nunca atingem a suprema e definitiva perfeição. São, no amor conjugal, símbolo dessa complementaridade total, que só em Deus se realiza; mas símbolo imperfeito. Cada um deve ser para o outro como que o precursor de grandezas maiores - "o que há-de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe desatar as sandálias; e eu de baptizar-me no Espírito Santo e em fogo".

O amor só é verdadeiro e ordenado (como ordenada é a harmonia silenciosa das estrelas e a poesia serena das flores) quando cantar a glória de Deus; quando abrir uma perspectiva divina, em todas as vibrações da sua existência humana; quando for encarnação de sonho. Só um amor assim vale a pena. Diminuir o sonho para o conformar a uma realidade mesquinha, é trair o amor. E de todos os pecados o mais dificilmente perdoado é o pecado contra a santidade do amor.

Sendo sonho encarnado, o amor obedece às leis de tudo o que é criado. Para crescer, precisa de ser cultivado: Uma pausa na sua evolução é já uma diminuição. Por isso, ele não pode ficar ingenuamente guardado na preservação duma frescura inicial que, por ser naturalmente fácil, parece esgotar as tonalidades de que o sentimento se reveste. Tem de procurar, para cada época, a sua fisionomia; para cada nova etapa, uma força maior; para cada sonho, uma mais ampla e firme realidade; para cada facto, uma mais profunda poesia e uma mais exigente e séria espiritualidade.

o / o / o



O encontro de dois é uma certeza humana, uma ressonância eminentemente pessoal que parece nada ter de comum com o resto do universo. Mas, quando se casam, os dois submetem-se a uma lei, independente e superior a eles.

Até ao casamento, não há uma correspondência mútua absoluta de valores e sentimentos, pensamentos e afectos. A partir da revelação quase intuitiva do encontro, cada um procura identificar-se com o outro. É essa lei geral de todo o amor. Esta identificação vai-se tornando cada vez mais intensa até ao casamento. A reciprocidade de acordo, que até aí era apenas tendência - crescente, sem dúvidas mas nunca total - torna-se absoluta com o sim do matrimónio. Então, o outro torna-se realmente único. Desse momento em diante, tudo é irreversível no tempo. A doação explícita das vontades actualiza numa forma total a tendência à união.

O casamento é fundamentalmente este sim profundo; é esta escolha definitiva; é este risco do compromisso sem retorno. É, sobretudo, "a promessa de fidelidade ao encontro".

No momento do casamento, cada um ultrapassa a fase do sentimento e entra na do mistério. Cada um deixa de viver unicamente a lei dum afecto no plano pessoal e, com a mensagem evangélica, integra-se, forçosamente, na lei dum sacramento. Por essa lei, cada um encontra-se ligado ao outro por uma união semelhante à de Cristo com a Sua Igreja, e, portanto, à união de Cristo com cada uma das almas que formam a Igreja. Por isso, a união aparece selada pelo mistério. Mistério, de cuja natureza íntima pouco podemos entender para além da unidade que Cristo define: "Serão dois numa só carne" (S. Mat., XIX, 5).

Como se realiza esse mistério, essa profunda união que não destrói a individualidade dos dois, antes a afirma, a valoriza, a situa?

Talvez o possamos entender um pouco, quando meditarmos nas palavras do Apóstolo: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja, e por Ela Se entregou, para a santificar, purificando-a no Baptismo da água pela palavra da vida; para a apresentar a Si mesmo como Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem outro algum defeito semelhante, mas santa e imaculada" (S. Paulo aos Efésios, V, 25).

Correspondendo embora a um apelo natural fortíssimo e figurando o fundo mistério da união de Cristo com os homens, o estado matrimonial, sendo uma possibilidade natural, não é indispensável para o bem de todo o indivíduo. Pode outro amor superar o amor conjugal e sintetizar todas as potencialidades numa união ainda mais profunda com Deus. O estado matrimonial é, porém, indispensável para o bem da espécie, e de tal modo que o celibato só tem um valor humano maior quando é preferido por um motivo superior, ou, como diz o Evangelho, por causa do reino dos céus.

E é dessa relação de causa a efeito, entre o estado matrimonial e o bem da espécie, que decorre a hierarquização dos Bêns do matrimónio.

A participação no poder criador de Deus que, como vimos, é uma das determinantes psicológicas mais fortes da vocação, assume, na instituição matrimonial, o carácter de primeiro fim. Ao ser elevado a sacramento, essa finalidade, pela qual a perpetuação da espécie se assegura e a perfeição natural do homem se remata, permanece, na ordem lógica, no primeiro lugar. Quer isto dizer que a fecundidade é a plenitude do matrimónio e que qualquer dos outros bens lhe está subordinado.

É evidente que a fecundidade, para ser valor humano, tem de ser, antes de mais, uma fecundidade de espírito. É na íntima união espiritual de marido e da mulher que deve assentar a união física, condição fisiológica da fecundidade.

E é por esse mesmo carácter espiritual, que ^{informa}, que a fecundidade não termina na procriação; antes se aprofunda, alarga e completa na educação dos filhos. Ao dizermos que a fecundidade é o fim primário do matrimónio, queremos, pois, significar que nenhum dos outros bens individuais pode antepor-se à procriação ou à educação dos filhos.

Mas, permitindo uma profunda realização humana, o matrimónio tem, também, como finalidade assegurar a plenitude dessa realização. E fá-lo, primariamente, pela fidelidade.

A fidelidade é a fé no outro. Fé em que ele é caminho, em que ele traz em si valores que são dignos de amor.

Essa fidelidade constitui o suporte racional e a materialização institucional condigna do amor. Supõe a unidade inteira de pensamentos, interesses, afectos. Exige a correspondência em tudo o que é específico do matrimónio, através duma integridade total de doação que, por via do sacramento, não é só uma atitude de responsabilidade perante Deus, mas uma lealdade absoluta perante o outro. E, para além de tudo, exige uma vivência própria de caridade; marido e mulher devem ser um para o outro ajuda e estímulo, numa vida cristã cada vez mais perfeita. "Esta acção deve visar, sobretudo, a que os cônjuges se auxiliem entre si por uma formação e perfeição interior cada vez melhores, de modo que, na sua união recíproca de vida, progredam cada vez mais na virtude, principalmente na verdadeira caridade para com Deus e para com o próximo" (Casti Conubii).

É ainda pela fidelidade ou para a assegurar, que cada um procura exaltar, no outro, a dignidade e missão do seu sexo e respeitar a hierarquia que, por essa missão, cada um possui, na sociedade familiar.

Um e outro bem - os filhos e a fidelidade - são coroados pelo carácter indissolúvel do vínculo matrimonial. Com efeito, se a união do homem e da mulher é semelhante à união de Cristo com a Igreja, ela é indissolúvel e nenhum poder humano, nem a vontade dos cônjuges, a pode quebrar.

Como sacramento, o matrimónio envolve, ainda, outro aspecto: sendo os cônjuges os ministros do sacramento e sendo o matrimónio a concretização duma promessa ao longo do tempo, a graça não se confina a um instante, mas vem aos dois ao longo de toda a sua vida terrena. Cada um dos esposos é, assim, para o outro, cañal de graças nas coisas próprias do estado matrimonial.

o / o / o

Exigindo atitudes tão definidas perante os valores religiosos e humanos, o amor conjugal tem de centrar-se no espírito e viver do espírito. Por isso, pesa tanto na vida familiar a riqueza espiritual que cada um dos dois traz consigo.

Falar em primazia dos valores espirituais não significa, de modo algum, negação dos valores sensíveis. Significa, antes, que eles devem ser hierarquizados numa atitude serena perante a vida e só aceites ou procurados na medida em que são necessários ou convenientes ao bem do espírito. Esta hierarquia dos valores pode criar dificuldades e mesmo dor. Mas porque há-de o amor, mesmo aquele que é humanamente o mais espontâneo, eliminar a priori toda a dor? O maior amor sobre a terra exigiu do Filho dos homens a maior de todas as agonias. E é, neste mistério da dor redentora, que ganha beleza e grandeza toda a *aceite do amor conjugal.*